



A VISÃO DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SOBRE A ESCOLA

Cláudia Pereira dos Santos*

Roberto Alves de Arruda**

RESUMO

O artigo aborda as concepções que os alunos da Educação de Jovens e Adultos têm sobre o retorno à escola, tendo como objetivo central, pesquisar sob o olhar do aluno, como é essa trajetória de volta a escolarização. A metodologia utilizada foi à observação participante com questionários para cinco alunos do ensino público. Os autores que embasaram essa pesquisa foram Moacir Gadotti, Selva Paraguassu Lopes, Luzia Silva Souza, Leôncio José Gomes Soares. Os resultados evidenciaram as dificuldades pelos quais nossos alunos enfrentam diariamente e quais são seus anseios para com o ensino dessa modalidade.

Palavras-chave: Educação. Educação de Jovens e Adultos. Retorno à escola. Observação participante.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo teve como objeto de pesquisa os alunos da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como objetivo pesquisar a visão que os alunos da EJA têm sobre a escola, definindo-se como um fator relevante para o aprendizado do aluno, pesquisado sob a concepção de identidade construída pelo aluno.

A EJA é entendida como um campo vasto, pela perspectiva da sociedade contemporânea, como um aprender para toda a vida, como uma contribuição para o exercício

* Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT - Campus Universitário de Sinop.

** Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor concursado em Metodologia do Ensino, do Campus Universitário de Sinop.

da cidadania com seu caráter social e inclusivo dando oportunidades para os indivíduos que não puderam concluir seus estudos por algum motivo específico.

Sabe-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitirlhes um conteúdo pronto. É papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional (LOPES e SOUSA, 2005, p. 2).

Nessa lógica, considera-se que a escola como um todo tem um papel imprescindível na aprendizagem do aluno da EJA, e necessita estar sempre presente e procurando os meios que auxilie o aluno em suas dificuldades, por vezes advindas de uma trajetória um tanto quanto conturbada, desde a alfabetização não concluída na idade correta até a não conclusão dos anos seguintes da escolarização.

Assim, é necessário considerar distintas realidades sócio-político-educativas de cada sujeito, sua relação com a cultura, tanto com respeito aos processos históricos quanto a sua vivência na atualidade. Nesse sentido a EJA tem um enorme desafio enquanto política pública cujas ações influenciam as decisões futuras do aluno.

2 OS JOVENS E ADULTOS DA EJA

Em sua vida escolar os alunos da EJA passam por vários problemas, como preconceitos, discriminações, críticas, dentre tantos outros. O próprio sistema de educação trata esse modelo de ensino com certo descaso como mostra a pesquisadora, Eliane Ribeiro Andrade em sua pesquisa **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens** (2004, p. 45), “Perceber esses jovens do ponto de vista da EJA revela uma condição marcada por profundas desigualdades sociais. Na escola de EJA estão os jovens reais, os jovens aos quais o sistema educacional tem dado as costas”.

A EJA no Brasil foi uma modalidade de ensino que de início foi criada apenas com o objetivo de qualificar a mão-de-obra, assim formando indivíduos com pouco senso crítico. Normalmente, entendia-se, por educação de adultos, “apenas a transmissão assistemática de alguns poucos conhecimentos da cultura letrada, digo leitura e escrita, para os analfabetos” (COSTA, 2009 p.1).

A visão do que era a educação na época em que a mesma foi criada, estava diretamente ligada aos interesses das classes dominantes, onde para a elite bastava que os indivíduos soubessem ler e escrever superficialmente, para poderem ter o direito do voto, pois

com a reforma do sistema eleitoral de 1885 os analfabetos seriam excluídos do contingente eleitoral.

Essa visão extremante autoritária perdurou por décadas, reforçando a concepção centrada em políticas públicas que refletem o momento vivido na ditadura militar pela qual passará o país.

Devido a essa visão restrita do que era a educação, a ação e intenções das políticas educacionais são pensadas para um longo período. A educação de jovens e adultos é compreendida nesse contexto como um instrumento de manipulação, margeado de uma política inclusiva que pudesse de fato promover o sujeito em suas potencialidades pela política educacional.

Nesse viés ideológico político, teria o país duas políticas para a educação: uma que inserisse o indivíduo em uma relação com os processos de escolarização e outra concebida pela margem, que de sua parte, refletiria apenas uma visão – a visão de uma reprodutivista, tendo por pressupostos metodológicos uma educação bancária. Assim a EJA é concebida a margem de uma política pública educacional que a concebesse como modalidade de ensino e inserida no contexto das macros políticas.

Todavia, não há que se pensar sobre a não intencionalidade de qualquer ação política ou programa, pois trazem em seu bojo as intencionalidades do Estado em ação.

Desse contexto, no Brasil, essa modalidade de ensino costumeiramente foi destinada a classes menos favorecidas, onde se encontram os jovens e adultos trabalhadores quase sempre pobres e excluídos da sociedade.

O fato de o jovem ou adulto estar procurando uma melhor escolarização após sua infância, deve-se a seu esforço individual, que por vezes, além dos obstáculos naturais da relação com a escola, outros fatores interferem nesse processo: a conquista do espaço e a temporalidade das ações didático-pedagógicas são essenciais para o processo de abstração e aquisição de novas competências e habilidades que ajudam no convívio social e humano.

Por outro lado, a motivação dos jovens pela escola se dá na relação do tempo necessário para a entrada no mercado de trabalho. Mesmo os jovens tendo todos os motivos possíveis para não voltar à escola, eles voltam, em razão da grande procura de mão de obra qualificada do mercado de trabalho.

Soares (apud ANDRADE, 2004, p. 52) afirma:

[...] que existimos pela legitimação do olhar do outro. Sendo assim, quando o sistema educacional olha para os jovens com algum respeito, está dando-lhes a convicção de que têm algum valor, reconhecendo neles próprios, pelo espelho do olhar do outro, o valor que, antes parecia-lhes inexistente.

Esse reconhecimento de cidadania pode ser visto em meio às práticas que se mostram no cotidiano escolar, como vagas disponíveis, professores qualificados, equipamentos e livros acessíveis etc. Porém não basta ter toda essa presença física e material se não obtiver indivíduos para fazer uso dos mesmos, é necessário que se tenha uma política que chame a atenção dos alunos para fazer o uso contínuo desses materiais.

Ao voltarem à escola esses alunos procuram um espaço de transformação para a emancipação social e a construção de novos campos para o conhecimento não apenas em uma visão distributiva dessa modalidade de ensino. A construção de novas formas para a apropriação do conhecimento abriria um novo contexto numa relação de pertencimento a um novo estado de poder.

Alguns vínculos institucionais se perdem pelo agudo processo de desfiliação Rangel (apud CASTEL, 2000, p. 3), de dado momento pela perda de vínculo com a escola:

[...] ele é internalizado pelo indivíduo como uma impossibilidade de utilização dos meios ou recursos necessários para atingir os objetivos desejados (Merton: 1980). Desta forma o desfiliação não consegue estabelecer vínculos estáveis nem com a escola, nem com o mercado de trabalho.

A infância, onde se constituiria seu estado de analfabetismo aqueles sujeitos foram desprovidos de oportunidades que pudessem continuar o processo de escolarização ou talvez nem puderam dar início no tempo correspondente a série idade.

Cabe à sociedade como um todo contribuir para o desenvolvimento dessa modalidade de ensino, cobrando dos governantes políticas integradas junto a EJA, e os professores devem estar sempre atualizados em seus conhecimentos e metodologias de ensino, elaborando projetos segundo as necessidades de seus alunos. Fazendo assim com que os alunos da EJA sintam se orgulhosos e valorizem a oportunidade de poder ampliar seus conhecimentos e de reescrever a sua própria história.

3 METODOLOGIA

A orientação central dessa pesquisa, dado à dimensão do objeto a ser investigado, orientou-se pelo estudo aprofundado que privilegia a inserção e comprometimento teórico e metodológico do pesquisador com sujeitos em sua realidade. “A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões” (MINAYO, 1994, p. 43).

Para isso, então, foi priorizada a observação participante e a questionário para os alunos, como técnicas para coleta de dados. A observação participante “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo afetado por ela” (ANDRÉ, 1998, p. 28).

O questionário, segundo Amaro, Póvoa e Macedo (2005, p. 3),

Um questionário é extremamente útil quando um investigador pretende recolher informação sobre um determinado tema. Deste modo, através da aplicação de um questionário a um público-alvo constituído, por exemplo, de alunos, é possível recolher informações que permitam conhecer melhor as suas lacunas, bem como melhorar as metodologias de ensino podendo, deste modo, individualizar o ensino quando necessário.

O campo de pesquisa compreendeu o contexto de uma escola municipal da rede pública da cidade de Sinop, no Estado de Mato Grosso.

Devido essa instituição trabalhar no período noturno exclusivamente com alunos Jovens e Adultos e sendo eles em sua maioria trabalhadores assalariados justificamos a escolha dessa escola como universo de nossa pesquisa.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, foram escolhidos cinco alunos da modalidade de ensino EJA, de forma aleatória, partindo de um convite direcionado a todos da sala de aula, no qual ficaram livres a decidir quem gostaria de participar da pesquisa.

4 ANÁLISE DOS DADOS: percepções e compreensões do campo pesquisado

As análises que passamos e descrever abaixo resultam da pesquisa exploratória e levantamento de dados, realizado junto aos sujeitos da pesquisa. metodologia adotada para descrever as narrativas, onde utilizamos de recortes das falas emitidas nos questionários, demonstradas nos retângulos a seguir.

Para identificação dos pesquisados utilizaremos os pseudônimos Aluno A, Aluno B, Aluna C, Aluna D, Aluno E.

Os sujeitos da pesquisa quando perguntados em relação à carga horária de trabalho, cerca de 80% afirmam que trabalham até 8 horas diárias e 20% declaram não trabalhar fora do domicílio, ficando responsáveis pelos afazeres domésticos.

Tendo como foco o grupo de pesquisados que trabalham até oito horas diárias, percebe-se que a maioria exercem profissões exaustivas e que não possibilitam a dedicação aos estudos tanto no exercício da função como fora dela.

Stoco (2010, p. 19) afirma que,

[...] esses problemas podem acarretar dois resultados indesejáveis: tanto a desistência de muitos alunos – devido às dificuldades em assimilar os conteúdos e frequentar as aulas - quanto à perpetuação de uma formação precária para os jovens e adultos, tendo em vista o “inevitável” aligeiramento dos cursos. Em outras palavras, se o curso exige muito tempo e dedicação dos alunos no sentido de lhes oferecer muitas oportunidades de aprendizagem, há o risco da evasão. Se, ao contrário, ele suaviza essa exigência e oferta, estará promovendo o mesmo ensino precário que sempre se ofereceu a esse público.

Quando questionados, sobre quais as maiores dificuldades enfrentadas na trajetória de volta a escolarização obtemos as seguintes respostas.

(01) Aluno A: A carga horária, pois meu serviço é pesado, trabalho o dia todo no sol quente, ai fica muito cansativo vir estudar.

(02) Aluno B: A carga horária, porque trabalho o dia todo e não tenho tempo para estudar, só aqui na escola mesmo.

(03) Aluna C: Acordo muito cedo para trabalhar ai quando chega à noite me sinto muito cansada, às vezes não da vontade de vir pra escola.

(04) Aluna D: A maior dificuldade que tenho é porque tenho muita vergonha, às vezes quero perguntar algo para a professora e fico com medo de falar algo errado e acabo ficando quieta.

(05) Aluno E: Vergonha, medo de perguntar as coisas para a professora.

Analisando os dados acima, volta-se a questão da carga horária de trabalho, sendo a principal dificuldade dos alunos pesquisados com relação à volta para a escolarização.

Diante de tais dados, confirmam-se as posições teóricas, inspiradas nas idéias de Marx, ao indicar que o capital, ao extenuar toda a força física e mental do trabalhador, suga-lhe todo o tempo disponível, sem deixar-lhe tempo para a educação, para o desenvolvimento intelectual, para o convívio social e para o exercício livre das forças físicas e espirituais. (STOCO, 2010, p. 29).

Valorizar a história de vida do aluno da EJA por meio de práticas pedagógicas que sejam de interesse do mesmo se torna um grande desafio, porém se torna um ato necessário na busca pela redescoberta da autoconfiança do aluno.

Os alunos da EJA voltam à escola, “abertos à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga olhar que pensa”. (MEC, 2006, p. 5).

No que tange a importância atribuída pelos alunos aos estudos, questionamos se eles consideravam que a visão de mundo e a importância que eles atribuíam aos estudos antes e depois da volta a escolarização haviam mudado.

(06) Aluno A: Mudou muito, estudar é muito importante. Porque se a gente não souber ler pode até pegar um ônibus errado como já aconteceu comigo.

(07) Aluno B: Mudou bastante. É muito importante estudar, porque às vezes a gente vai procurar um endereço aí não sabe ler nem o nome da rua, e quando a gente passa a aprender a ler muda mais ainda, dá mais vontade de aprender.

(08) Aluno C: Sim mudou. A minha vontade é que eu aprenda logo. É bom saber ler porque se não tem que pedir para os outros.

(09) Aluno D: Mudou, está mudando e com fé vai mudar mais ainda, cada palavra que a gente aprende a gente vai pra casa feliz.

(10) Aluno E: Mudou sim, é sempre importante estudar quem não tem estudo não tem nada.

Sabe-se que a educação como um todo é capaz de transformar a vida de um indivíduo, e a EJA proporciona ao aluno a oportunidade de que o mesmo reescreva sua própria história de vida, se tornando sujeito autônomo e independente. Muito embora os processos de ensino na EJA possam ser configurados aos modelos socioeconômicos e culturais em determinada época.

5 CONSIDERAÇÕES

Durante as observações realizadas em sala foi possível perceber a interação dos alunos com a professora e com os colegas, alguns um pouco mais tímidos, porém se sentiam a vontade com os demais, tornando a aula mais dinâmica e com a participação da grande maioria nos questionamos sobre o conteúdo.

Analisando as entrevistas podemos observar o quão importante é a visão que o aluno da EJA tem da escola e da volta à escolarização, tornando-se fator principal da permanência dos mesmos na escola.

Na educação como um todo, e principalmente no ensino da EJA, temos que tratar os alunos como seres construtores da própria história, sujeitos com singularidades e especificidades que buscam no retorno à escolarização uma maior valorização pessoal e a inclusão na sociedade.

LA VISION DES ÉLÈVES DE L'ÉDUCATION DE JEUNES ET ADULTES À PROPOS DE L'ÉCOLE

RÉSUMÉ¹

L'article discute les conceptions que les élèves de l'éducation de jeunes et adultes ont sur le retour à l'école. On a comme objectif principal faire une recherche sous le regard de l'élève comment se développe le retour à la scolarité. La méthodologie adoptée a été l'observation participante avec des questionnaires aux cinq élèves de l'enseignement public. Les auteurs qui sont à la base de cette recherche ont été Moacir Gadotti, Selva Paraguassu Lopes, Luzia Silva Souza, Leôncio José Gomes Soares. Les résultats prouvent les difficultés pour qui nos élèves passent jour après jour et le souhait qu'ils ont à cette modalité-là d'enseignement.

Mots-clés: Éducation. Éducation de jeune et adultes. Retour à l'école. Observation participante.

REFERÊNCIAS

Aluno A. **Aluno A:** questionário. [07 ago. 2013]. Entrevistadora: Cláudia Pereira dos Santos. 1 Questionário (3 f.). Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso A visão dos alunos da Educação de Jovens e Adultos sobre a escola.

Aluno B. **Aluno B:** questionário. [07 ago. 2013]. Entrevistadora: Cláudia Pereira dos Santos. 1 Questionário (3 f.). Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso A visão dos alunos da Educação de Jovens e Adultos sobre a escola.

¹ Tradução realizada pelo professor Ederson Lima de Souza (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Aluno C. **Aluno C:** questionário. [07 ago. 2013]. Entrevistadora: Cláudia Pereira dos Santos. 1 Questionário (3 f.). Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso A visão dos alunos da Educação de Jovens e Adultos sobre a escola.

Aluno D. **Aluno D:** questionário. [07 ago. 2013]. Entrevistadora: Cláudia Pereira dos Santos. 1 Questionário (3 f.). Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso A visão dos alunos da Educação de Jovens e Adultos sobre a escola.

Aluno E. **Aluno E:** questionário. [07 ago. 2013]. Entrevistadora: Cláudia Pereira dos Santos. 1 Questionário (3 f.). Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso A visão dos alunos da Educação de Jovens e Adultos sobre a escola.

AMARO, Ana. PÓVOA, Andreia. MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionários.** Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Departamento de Química, 2005. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:28D4XKlyT_4J:www.jcpaiva.net/gtfile.php%3Fcwd%3Densino/cadeiras/metodol/20042005/894dc/f94c1%26f%3Da9308+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: Jul. de 2013

ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens.** Rio de Janeiro: Editora DP&A LTDA, 2004.

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar.** 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: Alunas e Alunos da EJA.** Departamento de Educação de Jovens e Adultos, Brasília: 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf> Acesso em: Out de 2013

COSTA, Antônio Cláudio Moreira. **Educação de jovens e adultos no Brasil: novos programas, velhos problemas.** (s/d) Disponível em: http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq8/4_educacao_jovens_cp8.pdf - Acesso em: jun. 2012.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?** Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), São Paulo, v. 5, 2005. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf >. Acesso em: Jun. de 2012

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 20. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

RANGEL, André da Silva. **Desfiliação: processo ou status? Dilemas quanto à formação de vínculos com o trabalho e a escola entre jovens de São João de Meriti.** (Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

STOCO, Heloisa Pancieri. **A educação de jovens e adultos trabalhadores no PROEJA:** acesso e permanência no CEFET-BA. Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA N° 01. Bahia: 2010 – Disponível em <www.revistapindorama.ifba.edu.br> Acesso em 16 Set. de 2013.